



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

3 – RESILIÊNCIA FAMILIAR FRENTE À DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Emanuela Pompa Lapa*

RESUMO

A drogadição é um grande problema enfrentado pela sociedade contemporânea, que atinge não só o sujeito consumidor da droga, mas também compromete diretamente toda a dinâmica familiar, causando danos e sofrimento para todos os envolvidos. O presente ensaio busca analisar a importância da família no processo de enfrentamento, recuperação e superação da dependência química. Para tanto, inicia-se com a abordagem sobre a família e o impacto da dependência nos diversos domínios da vida social, em especial, nas relações familiares. Em seguida, destaca a resiliência familiar como uma das principais potencialidades e forças positivas no processo de tratamento. Ao final, o intuito é justamente demonstrar a força da família como aliada principal para a superação desse drama humano.

Palavras-Chave: Dependência química. Família. Resiliência. Superação.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas fazem uso de drogas desde sempre, por diferentes motivos, em diferentes quantidades e frequências, e seguirão consumindo. Tem sido assim ao longo da humanidade.

O quadro de dependência química implica consequências morais, econômicas e sociais para o indivíduo, bem como para as pessoas que compõe sua rede de relações, intervindo de modo negativo nas formas de compreender a vida e vivenciar o cotidiano (CAVALCANTE; FALCÃO; LIMA; 2012).

Nos dias atuais, esse fenômeno humano é considerado importante fator de risco à saúde e à produção de danos devastadores de cunho físico, biológico e emocional na vida de usuários e familiares. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o uso

abusivo de drogas como uma doença progressiva, crônica e recorrente. E continua afirmando que a dependência ao álcool e as outras drogas é um dos problemas de saúde pública de maior relevância, mas que é passível de tratamento.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a dependência química caracteriza-se pela presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela (Sousa, Ribeiro, Melo, Maciel, & Oliveira, 2013).

No Brasil, nota-se a busca pela realização de estudos e pesquisas de abrangência nacional que possibilitem um diagnóstico

* **Emanuela Pompa Lapa** – Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Especialista em Direito Civil e Direito do Consumidor pelo JusPODIVM. Integrante do IBDFAM. Advogada especialista na área de Família e Sucessões. Sócia do Lapa Góes e Góes Advogados. E-mail: emanuela@lga.adv.br.

sobre a situação do consumo de drogas e seu impacto nos diversos domínios da vida da população em geral e naquelas mais específicas que vivem sob maior vulnerabilidade para o consumo das drogas. Observa-se a exposição de dados relacionados ao aumento do número de usuários de álcool e outras drogas em situação de dependência.

Na pesquisa realizada em 2015, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou o aumento do acesso precoce a bebidas alcoólicas e a drogas ilícitas dos jovens. *Dos cerca de 2,6 milhões de estudantes que cursavam o 9º ano do ensino fundamental em 2015, 55,5% (1,5 milhão) já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, percentual superior ao observado em 2012 (50,3% ou 1,6 milhão). A proporção dos que já experimentaram drogas ilícitas subiu de 7,3% (230,2 mil) para 9,0% (236,8 mil) no mesmo período. Em relação ao consumo atual de álcool e drogas ilícitas, respectivamente, 23,8% (626,1 mil) e 4,2% (110,5 mil) dos estudantes tinham feito uso dessas substâncias nos últimos 30 dias antes da pesquisa. Já o percentual de estudantes que já haviam experimentado cigarro caiu de 19,6% em 2012 para 18,4% em 2015. A maior parte dos estudantes (88,6%) tinha idade entre 13 e 15 anos, sendo que 51,0% tinham 14 anos. Os meninos representaram 48,7% (1,28 milhão) e as meninas, 51,3% (1,35 milhão) da amostra. A rede pública de ensino concentrou 85,5% (2,3 milhões) dos estudantes, enquanto 14,5% (380,4 mil) estudavam na rede privada.*

Ainda de acordo com os dados extraídos dessa pesquisa, ficou constatado que a experimentação de drogas ilícitas cresceu de 7,3% para 9,0% entre 2012 e 2015. O consumo atual de drogas ilícitas (nos 30 dias anteriores à pesquisa) foi relatado por 4,2% dos estudantes, sendo superior entre os meninos (4,7% versus 3,7% das meninas). Quando considerados somente os escolares que já experimentaram drogas, o consumo atual foi de aproximadamente 46,6%.

Portanto, não se pode ignorar a gravidade desse fenômeno social que abala não só o indivíduo, desde a sua adolescência, sem distinção de gênero e idade, mas também atinge diretamente a sua família, tornando-se um problema multidimensional e de interesse social relevante.

Muitos pesquisadores têm focado em estudos dando ênfase, sobretudo, aos aspectos negativos desse drama, elegendo os culpados e analisando os prejuízos e danos causados, como separações e extinção dos vínculos, e, ainda, os fatores familiares que têm sido relacionados ao uso, abuso e/ou dependência de drogas, comprometendo a coesão.

Contudo, e sem ignorar essa triste realidade, o presente ensaio pretende destacar, em especial, a escolha do dependente pelo enfrentamento desta doença através do apoio familiar.

Assim, e para compreender melhor a potencialidade da unidade familiar na luta contra a problemática das drogas, é que se inicia este artigo com uma breve abordagem sobre a família e o impacto da dependência química nas relações familiares. Em seguida, será destacado o conceito de resiliência familiar na perspectiva sistêmica de Froma Walsh.

Ao final, pretende-se registrar a importância da família como uma das principais potencialidades e forças positivas no processo de enfrentamento, recuperação e superação da dependência química.

Ressalta-se, por fim, que este estudo é realizado através de pesquisa bibliográfica, normativa, dados do IBGE, publicações periódicas, artigos de revistas e casuística, tudo com a intenção de melhor explicitar o tema abordado.

2 IMPACTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NAS RELAÇÕES FAMILIARES

A família contemporânea sofreu profundas modificações nas últimas décadas, seja em sua natureza, seja em sua composição ou concepção.

Nesse sentido, para Petrini (2005, p. 50),

os contextos familiares existentes, na pluralidade de configurações historicamente observáveis, parecem ser impelidos a uma permanente reformulação dos significados vividos, das metas propostas e dos métodos para que a convivência familiar continue sendo fonte de satisfação e de esperança quanto à utilidade dos sacrifícios enfrentados.

Atualmente, podemos encontrar desde famílias nucleares, aquelas constituídas por pai, mãe e filho, como famílias monoparentais, de pais ou mães solteiras, divorciadas ou viúvas; as famílias recompostas por um novo vínculo conjugal e, ainda, famílias de casais homoafetivos.

De qualquer forma, mesmo estando em profunda e permanente transformação, a família é o primeiro grupo a quem pertence o indivíduo e indispensável, portanto, para o seu desenvolvimento, tendo no afeto a questão central das relações.

A família é considerada um dos maiores recursos de sustentação para a pessoa e a sociedade, sendo escolhida como parceira da administração pública para a realização de políticas sociais (PETRINI, 2005). Por isso, crescem as políticas públicas que procuram fortalecer as famílias, de forma tal que sofram menos os condicionamentos de circunstâncias adversas e tenham condições de desempenhar funções educativas e de amparo (DONATI, 2008).

É bem verdade, por outro lado, que as relações familiares também geram conflitos instaurados numa dinâmica de construção. Nesse processo de construção, de acordo com Mito (1997, p. 117), “a família pode se constituir no decorrer da vida, ou em alguns momentos dela, tanto num espaço de felicidade como num espaço de infelicidade; de desenvolvimento para si e para seus membros, como num espaço de limitações e sofrimentos”.

Por uma consequência quase que inevitável e natural, as famílias são abaladas em sua funcionalidade familiar pelas situações repentinas ou persistentes de crise e estresse na existência da problemática do consumo de substâncias psicoativas (ZERBETTO; GALERA; RUIZ, 2017). Para essas autoras, a família é reconhecida como fator e cenário de risco diante da complexidade das drogas, o que requer do profissional de saúde um olhar direcionado para corrigir as limitações da família e seus déficits.

É indiscutível que vivenciar a problemática das drogas é um acontecimento devastador não só na vida do indivíduo dependente, mas também dos seus familiares, muitas vezes gerando agressões e separações, mas também pode ser uma oportunidade de fortalecimento dos laços e reconstrução do funcionamento familiar.

No processo de cuidar, as famílias enfrentam situações adversas capazes de provocar danos em sua estrutura e dinâmica relacional, principalmente pela exposição frequente a situações de violência, falência financeira, sofrimento emocional e deterioração de laços afetivos (COSTA, 2015).

De qualquer forma, é inquestionável que o envolvimento da família no tratamento do dependente tem sido apontado como um vetor importante para o sucesso terapêutico da dependência química.

Assim, compreendendo a dependência química como resultado da interação de aspectos de natureza biológica, psicológica e social, as intervenções de tratamento devem considerar essas múltiplas dimensões, além de observar as especificações de cada indivíduo e das dinâmicas familiares.

É necessário pensar no tratamento de usuários de substâncias químicas de uma forma abrangente, que contemple diferentes modalidades e diferentes instituições, mas de preferência envolvendo a família.

Como bem destacado por Costa (2015), em prol da efetivação das propostas de reabilitação, considera-se a família como eixo central de trabalho por exercer papel fundamental no que concerne ao suporte afetivo e moral do usuário, fazendo parte da abordagem psicossocial defendida na rede de cuidados.

Portanto, e independente do tipo de tratamento, não se pode deixar de enaltecer a escolha feita por muitos pelo enfrentamento desta doença apoiados, sobretudo, na força e no poder que a família tem na vida e constituição do indivíduo.

3 A RESILIÊNCIA FAMILIAR

O termo resiliência, originário da física, foi adaptado ao campo da psicologia e, em particular, da saúde, relacionado à capacidade de regeneração, adaptação e flexibilidade. Na física, resiliência significa propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica.

Ao longo da história, tivemos vários exemplos de indivíduos que superaram sérias circunstâncias adversas, e, mais ainda, viveram situações de tragédia ou estresse que pareceriam impossíveis de

superar, mas não só as superaram, como pareciam sair delas mais fortes e renovados. Citamos o exemplo de Anne Frank (1929-1945), de origem judia, que, através de seus diários, mostrou ao mundo a possibilidade de, mesmo vivendo diante de terríveis atrocidades nos campos de concentração, nunca perdeu a esperança e a alegria de viver (MARTINS, 2014).

Aconteceu, especialmente a partir de 1988, um olhar da psicologia para aspectos potencialmente saudáveis, ligados à motivação e capacidades humanas, investigando características e propriedades familiares que ajudariam em situação de crise e observando a importância do grupo familiar neste processo.

É bem verdade, contudo, que existe pouca produção científica ainda sobre resiliência, em especial, a resiliência nas famílias. Os estudos sistemáticos iniciam sobretudo a partir dos anos 70, mas é nos últimos dez anos que o movimento vem ganhando força na expectativa de que profissionais insiram o construto da psicologia positiva em seus estudos.

Mais recentemente, nos anos 80, as investigações sobre a resiliência se dirigiram para o funcionamento familiar, dando origem ao surgimento de uma nova construção sistêmica, capitaneadas por Rutter (1987) e Walsh (2003, 2005, 2012), sendo que esta última construiu uma estrutura conceitual que denominou “funcionamento familiar efetivo” para avaliação das **práticas em resiliência familiar**.

Para Walsh (2003, 2005, 2012), a resiliência familiar na visão sistêmica é construída por uma rede de interações e experiências no decorrer da vida e entre gerações, o que fortalece o grupo familiar enquanto unidade funcional. O modo como a família enfrenta e lida com a experiência adversa e se reorganiza de modo eficiente influenciará o grupo familiar, o que contribui para a resiliência de todos os seus membros. Resiliência familiar envolve potencial de resistência, reestruturação, recuperação e crescimento em famílias que enfrentam adversidades e graves desafios da vida.

A autora afirma que muitas famílias encontram força, conforto e orientação nos momentos de adversidade através da ligação com tradições culturais e religiosas.

Ainda de acordo com o modelo desta autora, os elementos fundamentais para a

resiliência familiar envolvem sistema de crença familiar, padrões organizacionais e processos de comunicação. O sistema de crenças é quando uma família compartilha seus pensamentos e sentimentos sobre uma determinada situação, construindo um novo significado: Extrai-se significado da adversidade, perspectiva positiva; transcendência e espiritualidade. Os padrões organizacionais estão relacionados às estratégias utilizadas pela família a fim de reestruturar a vida e mobilizar recursos internos e externos para respostas eficazes aos papéis e tarefas que lhe são solicitadas. São os padrões de interação e regras consistentes, com alguma estabilidade e rotina, que garantem confiabilidade e a sensação de continuidade no tempo. Os processos de comunicação consistem em recursos facilitadores do funcionamento familiar, que permitem expressões emocionais e reações abertas e claras, e incentivam resoluções de conflitos e problemas de forma colaborativa (WALSH, 2005).

Portanto, solucionar problemas de forma colaborativa pressupõe o reconhecimento do problema, observar a importância e possibilidade de resolução, trocar ideias e finalmente tomar decisão.

Princípios básicos fundamentados nos estudos de Walsh (2005) sustentam que a força individual interfere no contexto da família, episódios de crise e estresse afetam além do indivíduo, processos familiares podem promover tanto a recuperação, quanto aumentar a vulnerabilidade individual (PALMA, 2013).

Em seu estudo sobre essa construção conceitual, Palma (2013) destaca que na tentativa de entender quais podem ser os esforços de uma equipe multidisciplinar para encorajar e fortalecer processos facilitadores de resiliência na família em crise pela doença, os indicadores de Walsh (2005) oferecem possibilidades instrumentais de investigação muito interessantes.

A pesquisa realizada por Zerbetto, Galera e Ruiz (2017), que também se utilizou da teoria sistêmica de Walsh, evidenciou justamente a força e o papel da família, enquanto parceira no tratamento. Foram reconhecidos por sua disponibilidade em compreender e oferecer apoio ao seu membro familiar adoecido em momentos de grande conflito familiar, bem como no

enfrentamento de consequências físicas dos efeitos da droga.

Os profissionais de saúde envolvidos neste estudo perceberam atributos fundamentais de resiliência familiar nas dimensões de comunicação, padrões organizacionais e forças familiares com influência no processo relacional e funcionalidade da família. Tais elementos positivos e eficazes ajudaram os familiares no enfrentamento e superação das adversidades, bem como nos desafios durante o acompanhamento de seu próprio tratamento e o de seu membro familiar (ZERBETTO; GALERA E RUIZ 2017).

Não se pode discordar, portanto, que quando os membros familiares se comunicam abertamente e compartilham suas dúvidas, anseios, angústias de maneira eficaz, clara e objetiva entre os seus, crescem as possibilidades de uma melhor compreensão da situação adversa ou a problemática e sua natureza. E, por consequência, podem buscar, nesse sentido, uma resolução positiva dentro ou fora do contexto familiar, fazendo toda a diferença no enfrentamento da dependência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as famílias, ao longo do seu percurso, lidam com desafios e crises variadas e têm um potencial de resiliência.

Existem famílias que são capazes de lidar melhor com as adversidades, utilizando-se de instrumentos de união e comunicação clara entre os seus membros e, agindo como tal, podem exercer papel preponderante e servir de motivação constante no processo de recuperação do dependente químico.

É necessário construir um olhar na direção positiva de identificar e valorizar a maneira que tais famílias enfrentam situações adversas e conseguem superá-las. A resiliência familiar traduz uma dimensão de positividade das reações dos seres humanos frente aos desafios que enfrentam, relevando-se como um instrumento capaz de enfrentar o drama humano.

Diante deste contexto, mais do que nunca se tornam necessários os princípios básicos que constituem em identificar os problemas da família, humanizar as pessoas que estão próximas a dependentes químicos, demonstrar que não há culpados nessa luta, influenciar comportamentos para ajudar

familiares e dependentes e apresentar maneiras de cooperar com a recuperação, capacitando as famílias para reagir de forma positiva às situações potencialmente provocadoras de crises, superando essas dificuldades e promovendo a sua adaptação de maneira produtiva para o seu próprio bem-estar.

O importante é manter o sentido de família, extraíndo o melhor de suas situações, do indivíduo e inventando novos modelos de conexão humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas.html>. Acesso em 25 de junho de 2018.

BRASIL, V.R. **Um olhar sistêmico do processo de tratamento da drogadição na família**. Dissertação de Mestrado. PUC SP, 2005. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1553>>. Acesso em: 24 de junho 2018.

CARNEIRO MACIEL, Silvana et al. Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1938/193832102002/>. Acesso em: 26 de junho 2018.

CAVALCANTE LP, Falcão RST, Lima HP, Marinho AM, Macedo JQ, Braga VAB. **Rede de apoio social ao dependente químico: ecomapa como instrumento de assistência em saúde**. Rey Rene (Internet). 2012; 13(2): 321-31. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3920/3112>. Acesso em 24 de junho 2018.

COSTA, Lorena de Farias Pimentel. **Desafios de familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos**. 2014. 120f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal da Paraíba:

João Pessoa (PB), 2015. Disponível em <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7582>. Acesso em 25 de junho 2018.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional** / Pierpaolo Donati; Tradução João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008. – (Coleção família na sociedade contemporânea).

FILHO, Gabriel Manzano. Drogas – como sair dessa. In: **Revista Galileu. Rio de Janeiro**: Globo, 1999. p. 46-54.

MARTINS, Maria Helena. Resiliência Familiar - Revisão Teórica, conceitos emergentes e principais desafios. Book. Grei. **(PDF) Resiliência Familiar - Revisão Teórica, conceitos emergentes e principais desafios**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262057973_Resiliencia_Familiar_-_Revisao_Teorica_conceitos_emergentes_e_principais_desafios?enrichId=rgreq-0dcd4d88-73b2-4460-87c9-d48ff0a841d0&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2MjA1Nzk3MztBUzoxMDAwMzA3NzgxODM2ODhAMTQwMDg2MDYwNDkzNg%3D%3D&el=1_x_3 Acesso em: 28 de junho 2018.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Família e serviço social**: contribuições para o debate. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 55, p. 114-130, abr, 1997.

MONASTERO, Leda Fleury. **Família e dependência química** – uma relação delicada. Dissertação de Mestrado. PUC SP, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15934> Acesso em: 24 de junho 2018.

PALMA, Roseane. **Resiliência familiar**. 2013. Disponível em: <https://www.mundosemdor.com.br/resiliencia-familiar/> Acesso em 05 de maio 2018.

PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: _____; CAVALCANTI, Vanessa R. S. (Orgs.).

Família, sociedade e subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 29-53.

SILVA, Maria de Lourdes da., et al. **Alcoolismo**: um problema com o qual muitos convivem porém poucos conhecem. São Paulo: Edicon, 1986, p. 36-41.

RUTTER, M. (1987). **Psycho Social Resilience And Protective Mechanisms**. American Journal of Orthopsychiatry. Vol. 57. Issue 3, pp. 316-331. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x>. Acesso em 06 de maio 2018.

SOUSA, P. F., RIBEIRO, L. C. M., MELO, J. R. F., Maciel, S. C., & Oliveira, M. X. (2013). **Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para mudança**. Temas em Psicologia, Vol. 21, n. 1, 2013, 259-268. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n1/v21n1a18.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2018.

ZERBETTO, S. R, GALERA, SAF, RUIZ, B. O. **Family resilience and chemical dependency**: perception of mental health professionals. Ver Bras Enferm [Internet]. 2017; 70 (6): 1184-90. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0476>. Acesso em 26 de junho 2018.

WALSH, F. Family resilience: strengths forged through adversity. In: **Normal family processes**. London: The Guilford Press; 2012. p. 399-423.

WALSH, F. **Family Resilience: a frame work for clinical practice**. FamProcess [Internet]. 2003 [cited 2014 Oct 23]; 42(1): 1-18. Available from: http://www.celf.ucla.edu/2010_conference_articles/Walsh_2003.pdf. Acesso em 25 de junho 2018.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. Tradução de Magda França Lopes. São Paulo: Roca, 2005.

Artigo recebido em 23/09/2018
Aceito em 02/06/2019